

Mãe Celesc

O pessoal da Celesc de Lages diz que a empresa está sendo muito magnânima com seus filhos adotivos. Eles se referem ao caso de Isabel Cristina de Oliveira Valdrigues, empregada da prefeitura daquela cidade à disposição da Celesc. A moça está com viagem marcada para Florianópolis, para fazer um curso de contabilidade básica no CEFA, de 13 a 17 de junho. Tudo por conta "da casa". Eles perguntam por que ela foi escolhida, quando há funcionários em Lages que sequer conhecem o CEFA?

Remédios em URV

As farmácias conveniadas com a CELOS estão, desde o dia 18 de abril, com preços em URV. As compras feitas até dia 17 de abril ainda serão cobradas em cruzeiros reais e descontadas no demonstrativo de maio. O que for comprado a partir de 18 de abril será descontado em URV, no demonstrativo salarial de junho, de acordo com a URV do dia do crédito do pagamento dos salários.

Celesc deposita

O bispo Dom Mauro Morelli, presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, manifestou ao Sinergia, no meio desta semana, seu interesse em intervir na questão do não desconto, por parte da Celesc, do dia paralisado em favor do Comitê da Fome. Como, depois de muita briga, a empresa acabou depositando o dinheiro devido, o Sinergia agradeceu a iniciativa de Dom Mauro e informou que o problema finalmente foi resolvido.

Se lavar vai sujar

O Sinergia avisa a quem comprou a camiseta do II Congresso dos Eletricitários de Florianópolis que, por problemas na técnica de impressão, elas estão manchando na primeira lavagem. Pessoas que adquiriram a camiseta serão ressarcidas com outra em boas condições.

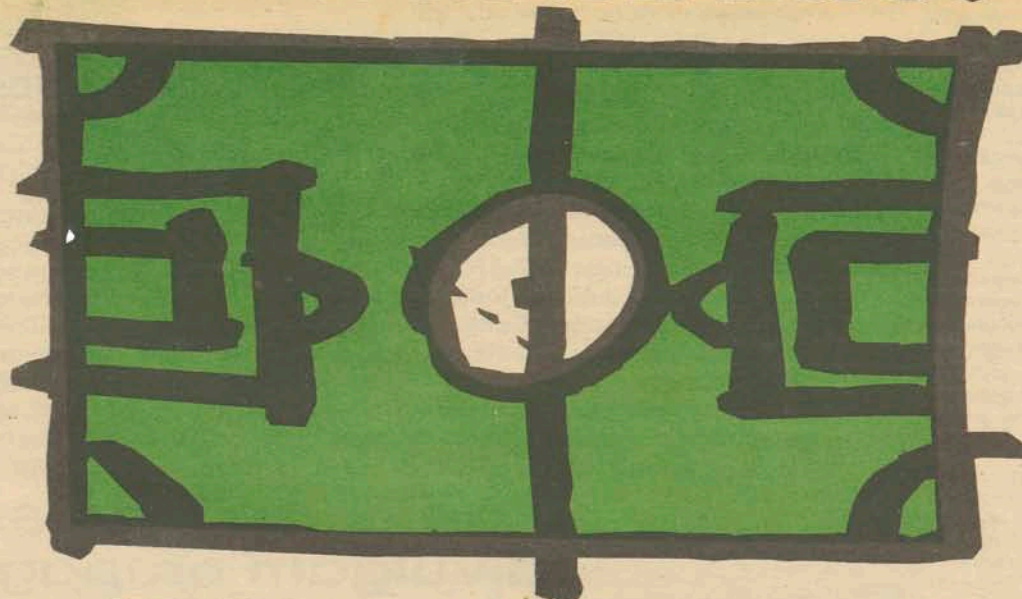
Nº 267
28/04/93

LINHA VIVA

Intersindical vai à mídia Contra a privatização

Leia sobre a campanha
publicitária na página 2

2º CONGRESSO DOS ELETRICITÁRIOS



**CIDADANIA É PROJETO
PARA O PAÍS DO FUTEBOL**
FLORIANÓPOLIS - 29 E 30/4/94

Mais um aliado

O Sinergia participou dia 25 de duas assembleias de acionistas da Celesc. Numa, sobre a tomada de contas dos administradores, o sindicato apoiou o pedido de mais informações sobre gastos com publicidade em 1993, sobre as viagens do ex-presidente Raimundo Colombo e contratação de pessoal na sua administração. Na segunda assembleia, que tratou da emissão de 30 mil debêntures, o Sinergia, preocupado com a possibilidade deste ser mais um caminho para a privatização, foi contrário à emissão. O presidente, Victor Fontana, disse na ocasião que também não quer a privatização da empresa.

Fora da lei

O Senge/SC quer descontar a mensalidade de seus filiados na folha de pagamento. A Intersindical avisa que as empresas não podem fazer este desconto sem autorização de cada pessoa. Cada sindicato deve encaminhar para as empresas autorizações individuais, que farão parte da pasta pessoal do trabalhador. Todo desconto que não for feito desta maneira deve ser devolvido ou não efetuado.

Concurso na sede

Estão abertas as inscrições para o concurso de frases sobre segurança do trabalho, na administração central da Celesc. O prazo para entrega das frases é dia 20 de maio, na Divisão de Segurança e Medicina do Trabalho. Podem participar trabalhadores e seus familiares com até três frases. Serão premiados os três primeiros lugares. O concurso dá partida para a Semana de Prevenção de Acidentes que acontecerá de 23 a 27 de maio.

O que também pode nos levar a privatização - II

Gerentes da Ag. regional/Blumenau

Com a intenção de preservar a lisura dos funcionários e do corpo gerencial da ARBLU, entendemos ser necessário esclarecer os seguintes fatos, citados na Tribuna Livre do Jornal Linha Viva-265.

1) Desconhece o autor do texto, apesar de já ter executado atividades como eletricitista de linha viva, que os conectores buscados da Agência de Florianópolis, na realidade eram terminais de chaves facas, modelo antigo, que por questões de segurança e facilidade de instalação, são adotados pela ARBLU em substituição aos terminais que acompanham as novas chaves. Estes terminais não são de reposição automática, motivo pelo qual não existem nos almoxarifados.

2) Para o fato de 2 veículos da Regional, já se encontrarem em Florianópolis atendendo gerentes e o representante da Intersindical no Conselho da CELOS, esclarecemos que a decisão de buscar os terminais das chaves, foi tomada por funcionários do CMD (não chefes) preocupados com atender a programação emergencial para o dia 13/03 (domingo), visando eliminar pontos quentes detectados pela equipe de termovisão. Tal preocupação baseava-se, nas constantes cobranças da comunidade com relação aos desligamentos que aconteciam em nossa rede de distribuição e amplamente divulgados pela imprensa.

3) Permitir que funcionários capacitados na ausência justificada de suas chefias tomem decisões é mal administrar? Preocupação com segurança e qualidade de trabalho, é o caminho de uma política que procura a privatização?

Está na hora daqueles que se julgam capazes de ocupar espaço na coluna de um jornal, tomarem o cuidado da verificação dos fatos, para que funcionários, que devem ser representados por estes "escritores bem intencionados", não sejam afetados por pretenderem realizar o melhor do seu trabalho.

ESCLARECIMENTO

José Amarildo Rampelotti
Diretor do Sintevis

1) Quando escrevi a matéria, o fiz, com o objetivo de obter respostas, pois se observarmos o LV 265 as posições ali colocadas foram feitas em forma de questionamento.

2) Não foram estas perguntas feitas só para os chefes e gerentes da ARBLU, mas sim para todo o corpo gerencial da Empresa.

3) Tenho certeza que a Celesc tem um corpo funcional extremamente qualificado e capacitado pois convivo constantemente com esses trabalhadores.

4) Um dos veículos não estava atendendo o representante da Intersindical no Conselho de Curadores da Celos, mas sim, ao representante da empresa e ao representante dos trabalhadores "eleito" pelo voto destes para representa-los na Celos. O outro estava atendendo gerentes e funcionários no curso de pós-graduação da UFSC.

Divórcio Anunciado

Intersindical em campanha contra privatização

Setor Elétrico não casa bem com iniciativa privada

Não vai ser por falta de aviso: desde dia 15 de abril, a população catarinense está sendo advertida exaustivamente, através de emissoras de rádio de 23 cidades do Estado, sobre os péssimos resultados que podem advir do casamento do setor elétrico com a iniciativa privada.

O "divórcio anunciado" entre os consumidores de energia elétrica e aqueles que desejam ser os futuros "patrões" do que hoje é um bem público, é a mensagem principal da campanha contra a privatização que a Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina está promovendo.

Com duração de um mês, este primeiro passo da campanha, consiste em oito inserções em 28 rádios locais (veja quadro) e notas, publicadas em quatro edições dominicais do Diário Catarinense. O custo total previsto desta investida foi de 35 mil URV's e todas peças foram produzidas pela agência de propaganda TRAMA.

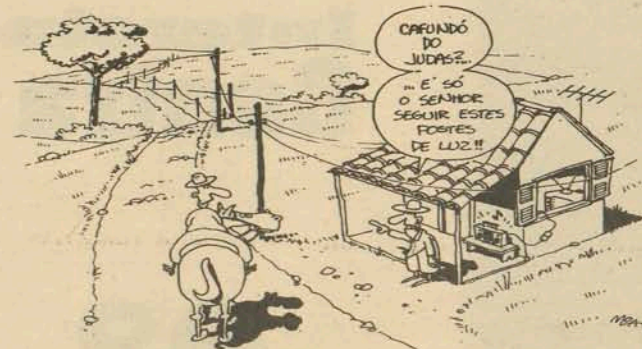
Para o público interno, os eletricitários, a Intersindical está também distribuindo boletins sobre o assunto e, dependendo da disponibilidade das direções da Celesc e Eletrosul, vai promover debates junto a categoria buscando o engajamento maior destes trabalhadores.

Um dos textos reproduzidos pelas rádios é um diálogo entre duas pessoas reclamando da

conta de luz. Uma delas conta que vendeu o chuveiro elétrico para economizar. Entra então uma voz incidental dizendo que "privatizar a luz é transformar uma finalidade social em artigo de luxo. A luz é hoje um bem comum. Além disso, as empresas estatais de energia não dão prejuízos e são patri-

mônio de 150 milhões de brasileiros. Não deixe que a luz se transforme em objeto de lucro". Outro texto diz que querem privatizar "as maiores usinas hidrelétricas do mundo. Um patrimônio de 100 bilhões de dólares que pertence aos brasileiros".

A LUZ DA EFICIÊNCIA



Em Santa Catarina, 86% da população da área rural e urbana tem acesso à energia elétrica. A Eletrosul e a Celesc são empresas públicas de eletricidade reconhecidas por oferecerem um serviço garantido e de primeira qualidade. Além disso, só o Estado é capaz de assegurar energia elétrica em lugares distantes, sem se importar com o lucro imediato. Privatizar estatais eficientes é entregar um setor importante da economia para grupos interessados apenas no lucro, aumentando ainda mais as diferenças sociais do país. Não permita. Para a população, a energia elétrica é um bem indispensável; para a empresa privada, apenas uma mercadoria.

**SINDICATOS DOS
Eletricitários**
Santa Catarina
O Brasil precisa ficar ligado

Rádios de todo estado divulgam propaganda

As rádios a seguir estão reproduzindo oito textos diariamente, de segunda a sexta-feira, entre as 7 horas da manhã e 19 horas.

Blumenau - Rádio Menina FM e Unisul AM
Caçador - Caçanjure AM
Campos Novos - Cultura AM
Canoinhas - Clube AM
Chapecó - Chapecó AM
Concórdia - Rural AM

Curitibanos - Coroados AM
Florianópolis - Guararema AM, Alegria FM, Atlântida FM, Barriga Verde FM
Criciúma - Eldorado AM
Itajaí - Clube AM
Joinville - Cultura AM e Rádio Colon FM
Lages - Princesa AM e Amizade FM
Mafra - São José AM
Rio do Sul - Mirador AM

São Miguel D'Oeste - Peperi AM
Tubarão - Super Santa AM
Jaraguá do Sul - Jaraguá AM
Laguna - Difusora AM
Jacinto Machado - Integração FM
Joaçaba - Barriga Verde FM
Lauro Muller - Rádio 105 FM
Balneário Camboriú - Menina FM

Sinergia faz balanço da atuação sindical

Com a proposta de discutir a conjuntura e o Setor Elétrico, fazer um balanço organizativo e da atuação do Sinergia, além de traçar um plano de ação e reformar os estatutos da entidade, acontece nos dias 29 e 30 (sexta e sábado) o 2º Congresso dos Eletricitários de Florianópolis.

Baseado no slogan "Cidadania e Projetos para o País do Futebol", o Congresso pretende dar um novo impulso às atividades do Sinergia, a partir de uma reflexão coletiva sobre a situação do Brasil e do movimento sindical.

O evento será aberto dia 29, às 13h30min no auditório da sede da Celesc, com uma atividade artística. Às 14 horas será feita a abertura solene e em seguida um painel sobre "Conjuntura e Setor Elétrico", com o diretor da Associação dos Empre-

gados da Eletrobrás e membro do Comando Nacional dos Eletricitários, José Drummond Saraiva. O segundo painel da tarde vai tratar da "Perspectiva da Ação Individual e Coletiva na Atualidade", com a psicóloga e professora Carmem de Oliveira.

No sábado as atividades acontecerão do auditório da reitoria da UFSC a partir das 9h, quando serão apresentadas as teses propostas para o Congresso, seguido dos trabalhos em grupo, com base nas teses. Haverá almoço de confraternização na Elase. Os trabalhos em grupo seguem até às 17h, quando terá início a plenária final. Às 20 horas será feito o encerramento, com um coquetel dançante, animado pela banda Suingue, no alacarte da Elase



para os participantes e seus familiares.

COMO PARTICIPAR

Os eletricitários que desejarem participar do Congresso deverão se inscrever junto à organização durante a tarde de sexta-feira, no auditório da Celesc.

Cecut quer dignificar catarinenses

Ao constatar que um milhão de catarinenses vivem em condição de miséria, a Central Única dos Trabalhadores de Santa Catarina adotou o lema "Vamos encarar esta realidade de frente, pela dignidade de quem faz Santa Catarina" em seu 5º Congresso Estadual. O Cecut foi realizado de 15 a 17 deste mês, em Lages.

Os 400 delegados presentes ao Congresso, representando 150 mil sindicalizados dos 107 sindicatos (69 urbanos e 38 rurais) filiados à Central, discutiram os seguintes temas: estratégia dos trabalhadores (SC hoje, balanço e papel da Cut e entidades filiadas e política alternativa dos trabalhadores para SC); política organizativa (estrutura horizontal e vertical da Cut/SC, regionais, direção estadual e instrumentos de apoio); políticas permanentes e campanhas (finanças, sindical, formação, sociais, imprensa e comunicação); 5º Congresso Nacional da Cut (19 a 22 maio, em São Paulo); e eleição da nova diretoria.

Depois de três dias de trabalhos de grupo e plenárias, as principais deliberações do Congresso foram: apoio ao "Grito da Terra", atividade de trabalhadores rurais e sem terra que acontecerá de 9 a 13 de maio em

tudo país, combate ao plano FHC e luta pela recuperação dos salários, unificando as campanhas salariais e mobilizações; continuação da luta contra a Revisão Constitucional e contra as privatizações, fortalecendo o dia 27 de abril (Dia Nacional de Luta contra as Privatizações); realização de atos de 1º de maio regionalizados, organizados pelas Cut's regionais.

Também decidiu indicar ao 5º Concult a realização de debates com trabalhadores sobre os projetos em disputa na eleição de 3 de outubro. A Cut e sindicatos a ela filiados devem estimular e propiciar esclarecimentos sobre estes projetos. Se houver polarização no segundo turno, a central, após consultar suas

bases poderá indicar seu apoio a um dos projetos, sem colocar sua estrutura material e financeira à disposição deste projeto, preservando assim o princípio de liberdade e autonomia sindical.

Dentre as quatro chapas que concorreram à direção da Cut/SC, venceu a chapa composta pelas tendências Articulação Sindical e Movimento por uma Tendência Marxista. Como presidente ficou Alípio Inácio Alves (Sind. Trab. Rurais de Saudades); vice-presidente, Odilon Silva (sind. Serv. Públicos Federais em SC); secretário-geral Clemente Mannes (Sind. Trab. em Mobiliário de Jaraguá); tesoureira, Marta Vanelli (Sinte).

Foto: Vava Eichepare



Nova direção comemora eleição no Congresso de Lages

Greves contra URV levam servidores às ruas

Aproximadamente mil trabalhadores da saúde de Santa Catarina em greve desde segunda-feira, servidores públicos estaduais e federais, professores e alunos da rede estadual bloquearam na quarta-feira, 27, a entrada principal do palácio do governo. Os manifestantes exigiram do governador Antônio Carlos Konder Reis novas negociações que levem ao final da greve na saúde e melhorias salariais e de infraestrutura na rede pública estadual. Os trabalhadores da saúde estimam em 95% a adesão à greve por reposição de perdas salariais calculadas pelo Sindicato em 400%. O governo oferece reajustes diferenciados de 74,71 até 150,04%, considerados insuficientes pela categoria. Os grevistas querem ainda pisos de três salários mínimos para o início da carreira, seis para o nível médio e dez para o superior. Konder Reis qualifica a paralisação como "criminososa" e se nega a discutir novos índices, o que prorroga o impasse.

Jornada de Lutas

Os servidores públicos federais participaram do ato, como parte do Dia Nacional de Luta contra a Revisão Constitucional, as privatizações, e o Plano FHC, convocado pela Central Única dos Trabalhadores. Estão em greve em Santa Catarina os previdenciários (com aproximadamente 50% de adesão entre os 5 mil trabalhadores), os funcionários do Ibama e os servidores da UFSC. A Receita Federal fica em greve até quinta-feira, 28.

As manifestações realizadas em todo o país (principalmente em Brasília) no dia 27 integraram o conjunto de atividades preparatórias de uma greve geral, que a CUT pretende realizar a partir da segunda quinzena de maio. A Jornada de Lutas que prepara a greve geral foi convocada pela direção nacional da Central depois dos protestos ocorridos em todo o país no dia 23 de março. A CUT espera organizar os trabalhadores para exigir do governo a reposição das perdas salariais provocadas pela conversão em URV, reajuste automático dos salários se houver resíduo inflacionário depois de criado o Real, correção do salário mínimo pela variação dos preços da cesta básica do Dieese, vinculação dos vencimentos dos aposentados ao salário mínimo, controle dos aumentos de preço e o fim da política de privatizações. Do Congresso, a entidade quer o fim imediato da Revisão. Dia 29 de abril, os sindicatos filiados à CUT promovem uma manifestação pelo emprego, contra a fome e a miséria, lembrando a passagem do Dia do Trabalho. O evento inicia às 15 horas, na praça Tancredo Neves.

Freqüentemente, quando escreve sobre personalidades como Betinho, o jornalista não consegue evitar o tom reverente, cheirando a incenso. Ele se envolve emocionalmente com o personagem.

Também caí nesta armadilha e, por isto, quando consegui entrevistá-lo, tratei de quebrar o "encantamento",

buscando o ser humano atrás do mito. Queria que ele falasse de seus sentimentos em relação aos últimos fatos de sua vida. Pretendia que nossa conversa tivesse um toque intimista.

Mas Betinho se esquivou durante toda entrevista de qualquer "confidência". Apontou sempre para o lado político das questões levantadas.

Não podia ser diferente.

Quem atravessou a adolescência, juventude e maturidade com a boa política, suplantando inclusive os males de uma doença incurável e fatal (a hemofilia), esqueceu há muito tempo das ambições particulares, dos desejos egocêntricos.

Pensa no plural, coletivo, político. E o jornalista, outra vez, caiu na zona de influência do mito. Confira.(MCS)

Por que o "vampirismo", por que esta ansiedade da imprensa sobre este episódio do jogo do bicho e você?

Betinho - É resultado de um grande desafio, um grande problema político. Tem muita gente que tem desconfianças de que a Ação da Cidadania e todos comitês constituem uma opção política que não se revelou. Então muita gente acha que num determinado momento eu vou dizer, eu sou é PT, vote Lula, eu sou Fernando Henrique Cardoso. É uma insistência que existe em tentar descaracterizar a Ação da Cidadania como uma ação su-

prapartidária, quando a essência dela é ser exatamente isto: suprapartidária. Saiu um artigo muito bonito, mas que para mim se transformou numa coisa muito perigosa, sobre "O Partido do Betinho". Aquilo foi como se tivessem me jogado numa arena de touros. Só que eu não tenho capa para ficar me defendendo, toureando. E os touros vieram prá cima. Então, na primeira oportunidade que tiveram, que foi este episódio do bicho, vieram com uma fúria desproporcional ao fato. Eu, que naquela lista toda seria a pessoa menos afetada.... Desviaram todo gol-

novo. Ainda vai acontecer muita coisa violenta. Eu, daqui para frente, estou totalmente preparado. Vou sair para a rua com um raminho de arruda atrás da orelha.

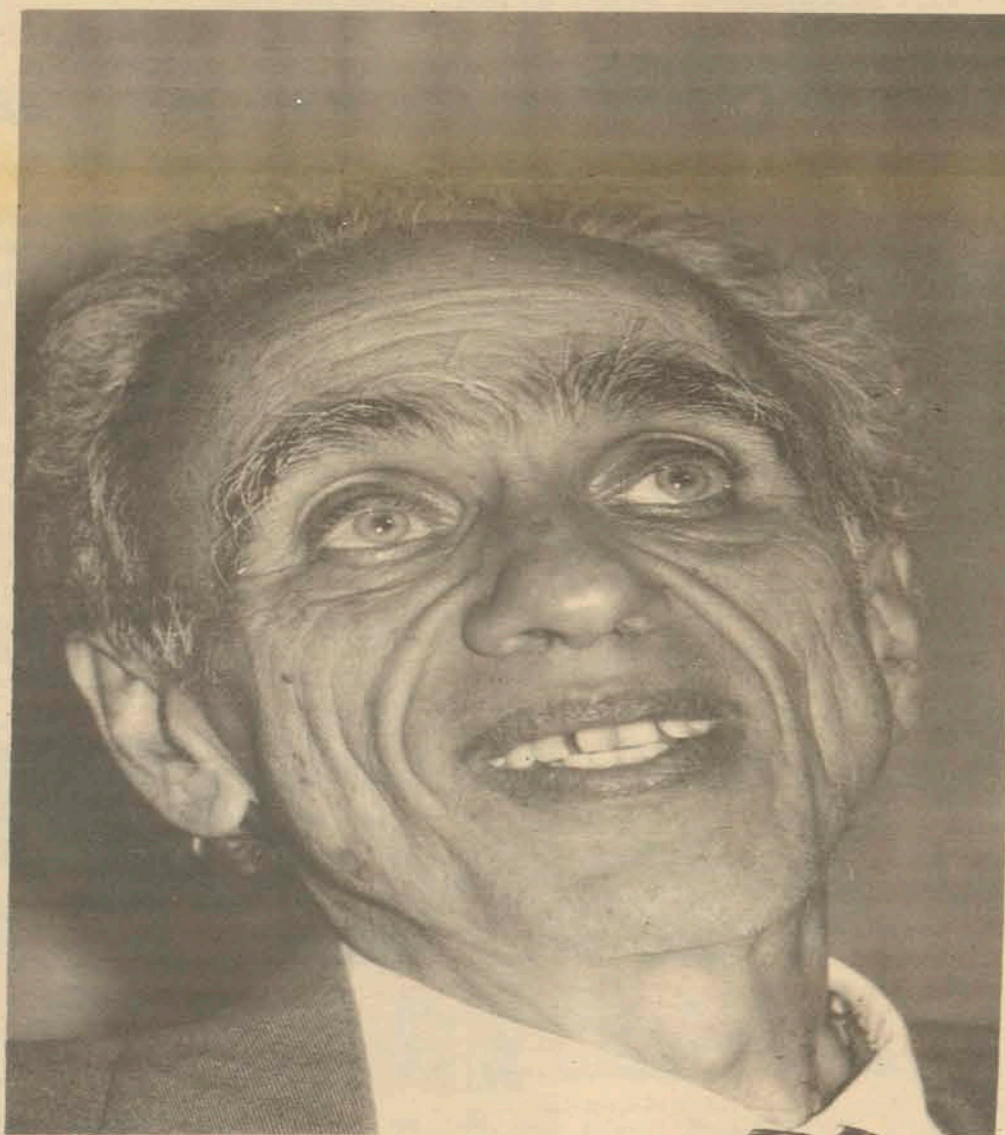
LV - Quem sabe a gente acalma eles um pouco. Tu não vai te posicionar politicamente em momento algum, não é assim?

Betinho - Não. Não sou filiado a nenhum partido, não entrarei em nenhum partido e não farei campanha para ninguém. Se estão com medo disto, podem dormir tranquilos, isto não vai acontecer. Mas não é por causa deles. Eu não temo briga. É por-

Betinho - É um problema. Alguém disse que a encarnação das causas em pessoas é uma coisa quase que fatal, no sentido de que sempre acontece, é quase inevitável. Então é quase uma contradição, porque no fundo você quer que as pessoas acreditem em idéias, que a cidadania se expresse de todas as formas, mas esta idéia, quando ela é encarnada numa pessoa, faz o inverso disto. Por exem-



"Somos doentes de felicidade"



pe, toda atenção para cima de mim, como que querendo me destruir mesmo, me jogar no chão com uma fúria surpreendente. Esta fúria é uma fúria política.

LV - Política no sentido de te calar sobre um possível posicionamento eleitoral?

Betinho - De gente que quer ou liquidar com o Nilo Batista, ou liquidar com o Brizola, ou liquidar comigo, ou com os três ao mesmo tempo e com tudo o que eles acharem que estiver por trás.

LV - Mas que força destruidora é esta? Motivada pelo quê?

Betinho - Poder. É bom a gente não esquecer que este ano teremos eleição presidencial e que o Brasil pode mudar de rumo. Muitos privilégios estão sendo ou podem ser ameaçados. Em 79, na primeira eleição direta para presidente, o Brasil quase mudou, por pouco. Agora pode mudar de

que os comitês são suprapartidários. Se um comitê se filiar a algum partido ele cria um problema interno, porque lá tem gente de todos os partidos, todas tendências e tem gente que não gosta de partido, gente que não quer participar da política-partidária. Eu te confesso que, daqui até as eleições, eu vou andar com todo cuidado.

LV - Isto não pode congelar um pouco a atividade da Ação da Cidadania?

Betinho - Estas forças que tentaram fazer isto comigo estão aí, vão continuar tentando, insistir, vasculhar, buscar. Eu estava de peito muito aberto. Mas não terei mais este descuido, ficar tão vulnerável. Por exemplo: tenho um problema sério que é o meu problema de memória, não lembro de detalhes. Então agora quando não lembrar direito, vou dizer: não sei. Porque eu falo uma coisa, depois lembro que não foi bem assim, e aí diz Betinho tá mentindo.

LV - E esta discussão do mito, ser um mito, necessidade do mito, problemas do mito num país como o Brasil?

plô: como as pessoas reagiram a este fato do bicho. Muita gente vai me admirar mais ainda que antes. Eu passei aqui em Santa Catarina dando autógrafos numa quantidade que nunca dei na minha vida.

LV - Estes dias tu disseste que o Brasil tem que conviver com a idéia da felicidade. O que significa isto?

Betinho - Nós temos um povo, uma sociedade, uma política, uma economia que tem muito problema com a felicidade. A nossa economia não é uma economia para produzir a felicidade, é para produzir o lucro, riqueza para uns poucos. A noção de felicidade passou a ser uma noção muito privada. Então as pessoas chegam e dizem: estou muito feliz, quase como uma confissão. Na verdade se você pensasse um país, uma nação poderia ser um espaço onde as pessoas se organizam, organizam tudo para serem felizes. O ministro da Fazenda deveria ser o sujeito mais preocupado com a felicidade do país. Você não escuta da boca deles esta palavra. Ela é trocada por uma série de substitutos que não são subs-

titutos da felicidade, são substitutos dos interesses. Existem algumas correntes de economistas modernos e antigos que definem a economia como uma busca da felicidade, como a ciência da felicidade. Era assim que Ricardo, que Smith, que todo este pessoal fazia a economia e filosofia.

LV - E aí entra o conceito da solidariedade e todo o resto.

Betinho - Claro. A felicidade não se pesa, não é um objeto. É fruto de uma relação humana, e de uma relação ética.

LV - O sociólogo Herbert de Souza, excluindo seus anseios, desejos, acha que vai acontecer o quê com o país? **Betinho** - Sempre fico atento, preocupado e ao mesmo tempo esperançoso quando há um processo eleitoral. Apesar de tudo é um momento extremamente importante, crucial, criativo, onde a sociedade reage, se manifesta. s vezes bem, às vezes mal. Eu digo, brincando, que a sociedade sempre "apronta" nas eleições, que é o momento dela. Na última eleição tivemos quase um desempate no Brasil. A vitória do Collor foi um grande empate. Quem podia ganhar não

ganhou e quem ganhou, não ganhou, acabou perdendo. Este empate continua. E acho que cresce no país a consciência ética, política.

LV - Que indícios você tem disto?

Betinho - Se você observar os fatos políticos mais importantes eles todos estão se desenvolvendo no campo da ética: a questão do Orçamento, por exemplo, não foi um problema fiscal, foi um problema ético, que levou à cassação de deputados. Agora esta própria coisa em torno da corrupção da polícia, dos magistrados, é continuação. Não é uma onda, é uma avalanche. Inclusive acho que temos que administrar isto para ela não passar por cima da cabeça de todos nós. É um grande perigo, a coisa perder o seu controle. Por isto creio que nesta eleição vamos viver um momento que pode ser altamente positivo e podemos viver situações, impasses e derrotas. Agora esta eleição vai fazer renovação total. Se o Brasil tem condições de se passar a limpo, onde melhorar, é agora.

E o mundo virou um bazar...

Por Geraldo Hoffmann
Especial de Köln (Alemanha)
para o Linha Viva

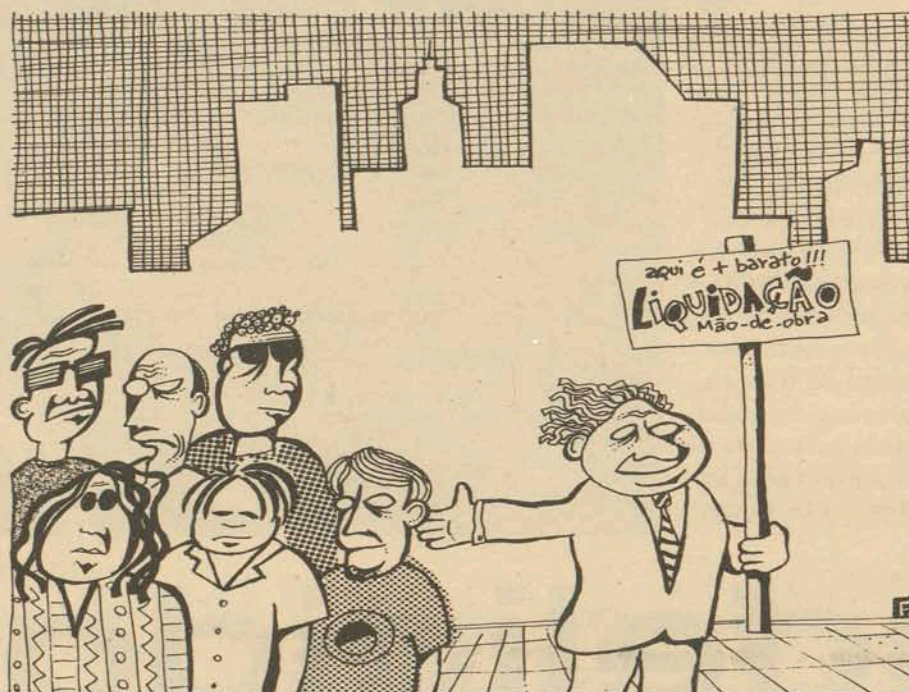
Capitalistas de todo o mundo fizeram a festa, na semana passada, em Marrakesch. Finalmente conseguiram o que queriam: transformar o mundo num grande bazar do livre comércio. Mas sobram pepinos em oferta. Não são mais os mísseis soviéticos que ameaçam o Ocidente, mas camisas chinesas, aço eslovaco, alumínio russo, carros coreanos e software indiano.

Durante sete anos, Norte e Sul negociaram a derrubada de barreiras alfandegárias e o corte de subsídios, até concluírem, em dezembro passado, a rodada do Uruguai do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt). Cento e vinte países assinaram, no Marrocos, o calhamaço de 19 mil páginas, que inclui o projeto de uma Organização Mundial do Comércio. Calcula-se que o acordo do Gatt dará uma injeção de US\$ 274 bilhões na economia mundial: US\$ 91,3 bi na União Européia, US\$ 42 bi no Japão, US\$ 38,4 bi na Associação Européia do Livre Comércio (Efta), US\$ 27,6 bi nos Estados Unidos e US\$ 97,4 bi no resto do mundo.

Os países industrializados já não podem mais ignorar a reivindicação do Terceiro Mundo por uma nova ordem econômica mundial. Agora, eles temem importar junto com os produtos também as condições de vida dos países pobres. O monstro que ameaça a ilha de prosperidade do Norte chama-se "dumping social e ecológico". É um velho monstro que ganha garras novas, quando a Europa Ocidental, os Estados Unidos e o Japão contabilizam 36 milhões de desempregados.

Teme-se que a abertura do mercado mundial à concorrência dos países em desenvolvimento devore mais empregos e riqueza do Primeiro Mundo. O francês Maurice Allais, prêmio Nobel de Economia, vê o apocalipse no horizonte: "Haverá explosões sociais, se o progresso do Sul for construído sob a ruína do Norte".

Na Alemanha, também há quem desene cenários catastróficos. Os sindicatos estão fechando acordos coletivos este ano com *zero vírgula alguma* coisa



de aumento. Há cerca de quatro milhões (8,5%) de desempregados. A inflação gira em torno dos 4% ao ano. O Estado faz cortes sociais e a luta pela sobrevivência torna-se mais árdua. O Sindicato dos Têxteis alemães prevê que "os trabalhadores de todos os países vão sair perdendo com o livre comércio entre nações com estruturas sócio-econômicas desiguais. A queda dos muros alfandegários só favorece os empresários".

O problema é que a maioria das leis trabalhistas e ambientais, destinadas a darem uma cara civilizada ao capitalismo, só vale dentro das fronteiras nacionais. A globalização da economia as torna obsoletas. Os governos nacionais vão perdendo terreno. Falta uma ordem ecossocial para a livre concorrência mundial. Briga-se porque ninguém sabe como deve ser essa ordem para seis bilhões de pessoas de diferentes culturas. O Norte quer obrigar os países pobres a adotarem a legislação trabalhista e ambiental dos países industrializados, para concorrerem "honestamente" no mercado internacional. É o que defendem trabalhadores e empresários dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra. Dizem que a indústria terceiro-mundista só é competitiva porque paga baixos salários e destrói o meio-ambiente. Os países em desenvolvimento vêm nessas ameaças a nova versão do protecionismo do Norte. Argumentam que o livre mercado por si só fará justiça social.

Trabalho escravo

A guerra "ecossocial" que começa a substituir a Guerra Fria pode servir de alibi para alguns parlamentos do Norte rejeitarem o acordo do Gatt. Há trabalhadores e empresários de países ricos

fazendo pressão nesse sentido. Trinta por cento das indústrias alemãs planejam transferir parte de seus parques fabris para o Exterior, nos próximos três anos. Se concretizarem os planos, vão criar 250 mil empregos fora da Alemanha. Ninguém sabe quantos milhares cortariam dentro do país. Um trabalhador custa, em média, US\$ 4 mil por mês à empresa na Alemanha; na República Tcheca, ele custa US\$ 300. Mesmo que o tcheco produza menos, seu produto chegará mais barato ao mercado alemão do que aquele produzido dentro da Alemanha.

Além do "dumping ecossocial", também os direitos humanos são arma de guerra comercial. A China, por exemplo, ainda sente na balança comercial o peso do massacre da Praça da Paz Celestial. O regime do Apartheid na África do Sul não resistiu ao boicote econômico internacional. O Norte ameaça boicotar produtos que contenham a marca do trabalho de mais de cem mil crianças e escravos do Terceiro Mundo. Tudo isso não passa de uma tentativa de combater o desemprego estrutural do Norte.

Mas a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) acaba de concluir - ao contrário do que se pensava - que também nos países ricos a liberalização do comércio mundial cria mais empregos do que destrói. Os países em desenvolvimento continuarão importando mais produtos industrializados do que exportam para o Norte.

Ecotecnologia

A vigência do acordo do Gatt também pode trazer benefícios ao meio-ambiente e aquecer um novo setor da

economia: a chamada "indústria verde", que produz catalisadores, filtros, incineradores, equipamentos para estações de tratamento de água e esgoto, usinas de reciclagem e uma infinidade de produtos que levam o selo verde. Essa "indústria de proteção ao meio-ambiente" já é o ganha-pão de 680 mil alemães. A OCDE calcula que o mercado verde mundial movimentará US\$ 200 bilhões de dólares por ano. Nenhum outro setor parece tão promissor. Organizações verdes da Europa pedem uma "reforma ecológica" do Gatt, para punir métodos de produção que destruam o planeta. Bastaria incluir no Gatt os resultados da Rio-92. Mas já é possível aplicar sanções econômicas a países que transgridem acordos internacionais de proteção ao meio-ambiente. A situação é mais complicada quando se trata de questões ambientais nacionais. Um exemplo: os Estados Unidos tentaram boicotar o atum pescado pelos mexicanos, que usam golfinhos como isca. O Gatt deu ganho de causa ao México e caracterizou o boicote americano de protecionismo. Mesmo assim, as divergências "verdes" em torno do Gatt devem amadurecer para um acordo.

Carta social

Mais difícil será um cessar-fogo na guerra social e trabalhista. A União Internacional dos Metalúrgicos reivindica uma "carta social internacional" que regulamente, entre outras coisas, o direito de greve e filiação sindical, um salário mínimo internacional e a garantia de emprego. É o que também a Organização Internacional do Trabalho (OIT) quer aprovar numa conferência a ser realizada, no próximo ano, em Copenhague. Prevê-se um impasse em, pelo menos, dois pontos: 1) garantia de emprego (os empresários sentem-se caluniados por esta reivindicação); 2) vai-se nivelar os salários por cima ou por baixo da Linha do Equador? Os trabalhadores do Norte não querem perder nenhum dos direitos que conquistaram, nos últimos 75 anos, enquanto os do Sul ainda lutam por um mínimo desses direitos. Há quem sugira uma saída intermediária: primeiro, cada nação regulamenta os direitos sociais e trabalhistas, independentemente do nível. Daí, pelo menos, os sindicatos teriam um instrumento legal para acionar a futura Organização Mundial do Comércio. Seja como for, uma coisa é certa: não haverá proteção total para país algum com a globalização da economia. Muito menos para as nações industrializadas. A não ser que rasguem os discursos que repetiram durante séculos, saltem fora do Gatt e reergam os muros comerciais do passado.

AMNÉSIA

José Nazareno Corrêa
Presidente do Sintresc

A INTERCEL nas últimas reuniões com a Celesc, em que buscava a aplicação da cláusula de reajuste salarial (29,67% sobre os salários de fevereiro), obteve por parte da empresa, através do Diretor Administrativo, engº Paulo Cesar da Silveira, a informação de que a Celesc irá aplicar a Medida Provisória que criou a URV, num claro descumprimento do Acordo Coletivo, que por sinal parece que virou moda quando assume um novo Presidente.

O fato destoante daquela reunião - além do descumprimento do Acordo Coletivo - foi o comportamento do engº Paulo Cesar, tido por mim como uma pessoa equilibrada, sensata, que apesar de estar do outro lado da mesa, sempre manteve um tom de seriedade e respeito com a INTERCEL e seus membros.

MAS VAMOS AOS FATOS:

Questionou o Sr. Paulo Cesar matéria do Linha Viva-265 sob o título "Pena de Ouro", alegando que o custo do presente dado ao engº Alberto Verdine é insignificante diante do que a empresa gasta com cada dirigente sindical liberado. Acharmos que é infinitamente menor que os gastos com publicidades do Governo do Estado, pago pela CELESC e, ainda, menor do que o prejuízo causado com a venda das ações ao Banco Morgan.

Lembrado por um dos dirigentes sindicais de que as "nossas liberações são fruto de Acordo Coletivo", e que fomos eleitos pela categoria eletricitária para exercermos mandato sindical, o sr. Paulo Cesar demonstrou sua ira, desqualificando aqueles que legitimamente representam os eletricitários.

Por que não responde o engº Paulo Cesar, quais as medidas que sua diretoria tomou com relação ao uso indevido de carros da empresa?

Por último, esquece o sr. Paulo Cesar que a atividade sindical já evitou muitas injustiças no relacionamento empresa/empregados, e que ele e seus amigos foram reintegrados à empresa, por obra e graça da cláusula de garantia de emprego, fruto da luta da categoria celesquiana e dos mesmos dirigentes sindicais que hoje ele ataca e desqualifica.

Sindicato e Eletrosul debatem a privatização

A direção da Eletrosul, depois de muito tempo, se dispôs a debater com os sindicatos a questão da privatização do setor elétrico. Isto aconteceu na semana passada e o fruto do debate é que a direção da empresa se mostrou disposta a discutir a proposta dos sindicatos sobre a necessidade da defesa do setor elétrico e da própria empresa.

Além da presença dos trabalhadores da sede que superou todas

expectativas, estiveram no debate a diretoria da empresa e o presidente, Cláudio Ávila, como um dos debatedores. Ele se mostrou impressionado com os outros debatedores (João José Cascaes Dias, Delman Ferreira e Mauro Passos) pelo preparo que mostraram sobre o tema. Ávila afirmou que aguarda uma orientação da Eletrobrás sobre a proposta de divisão do setor. Marcou ainda o compromisso de trazer o presiden-

Divulgação/Eletrosul



Tartarugão ficou chelo: todos queriam saber a opinião de Ávila

Celesc nega reposição das perdas. De novo

Não. É só isso que a diretoria da Celesc diz quando o assunto é a reposição das perdas salariais criadas pela URV. Além do não, o Diretor Administrativo, reforçou a posição da empresa, obrigando a Intercel a longas esperas por reuniões improdutivas e recheadas de acusações pessoais. Todo mundo notou a queda do salário com a entrada do plano do FHC, que urvizou os vencimentos. Por isto os sindicatos querem, dentro de uma relação séria e responsável, negociar.

Na tarde do dia 19 de abril, a Celesc, avisou que não daria nada além do que estipulava a medida provisória. A Intersindical continuou a afirmar que as perdas são aquelas que cada funcionário calculou com a ajuda da tabela que os sindicatos distribuíram. A empresa respondeu que não. Os sindicatos apresentaram como contraproposta então o cumprimento do acordo.

vigente: aplicar 29,67% (IRSM fev-94 - 39,67%) sobre o salário de fev-94 e converter em URV no dia 1º de março de 94. A resposta foi não. E negou inclusive o que tinha sinalizado, ou seja, a aplicação de 29,67% sobre fev-94 e converter os salários em URV no final de março. Isto implicaria numa variação aproximada de 2% a 16% (dos 6 mínimos ao teto).

"A diretoria está sabendo que nos deve e que levará a empresa a outro grande passivo trabalhista", diz Arno Cugnier. Para ele agora os empregados devem "participar da mobilização com outras categorias e das reuniões em locais de trabalho e nas assembleias que se realizarão em todo Estado nos dias 3 e 4 de maio para deliberar sobre o descumprimento do Acordo Coletivo, perdas salariais e negociação da política salarial para 94".

te da holding, José Luiz Alqueres, para debater a privatização.

COLHENDO FRUTOS

A capacidade de discutir, debater em qualquer fórum sobre energia elétrica e enfrentar os avanços privatistas ao setor é resultado, segundo Mauro Passos "do investimento feito pelo movimento sindical. Tudo isto é fruto de muito trabalho, em que não se mediu, nem se mede esforços, para ganharmos esta guerra".

A última prova da qualificação dos quadros do movimento sindical é a participação, pela Intersul, de João José Cascaes, no Congresso Internacional de Energia e Desenvolvimento, que aconteceu entre 27 e 29 de abril, em Paris - França. Além disto, a frente de trabalho dos sindicatos em Brasília, continua atuante e os resultados aparecem: esta semana, o presidente Itamar teria dito que não assinará a Medida Provisória de divisão da Eletrobrás, por não concordar com o que ela propõem.

Eleição na CIPA

Estão abertas as inscrições para CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) da Administração Central da Celesc (até dia 13 de maio) e para a sede da Eletrosul (até 3 de maio). A eleição acontece no dia 30 de maio, na Adm. Central da Celesc e 10 de maio, na sede da Eletrosul.

No caso da Celesc a Cipa da sede é composta por 32 membros, onde 16 são suplentes e 16 são efetivos. Serão eleitos 24 membros e oito serão indicados pela empresa. Na sede da Eletrosul também são 32 membros, mas a proporção de eleitos muda: são 16 eleitos e 16 indicados.

O objetivo das Cipas é buscar melhores condições de segurança e saúde, preocupando-se com o ambiente de trabalho. Por isto é muito importante o envolvimento dos trabalhadores neste processo, já que somente eles identificam problemas de iluminação, ruídos, ventilação, se o mobiliário está de acordo com as normas técnicas, se há material depositado no chão (fios, telefones, máquinas de escrever e calcular) que atrapalham o trânsito, se os exames periódicos estão sendo realizados nos períodos corretos e pagos pela empresa, se o setor médico está reconhecendo doenças provocadas pelo trabalho, etc.

Sovenir Macio Dias, diretor do Sinergia, conclama os empregados deste dois locais a participar e candidatar-se a estas eleições. "Não perca a oportunidade de mostrar sua capacidade para resolver problemas no seu local de trabalho. Não espere que outros, que não conhecem seu problema, o resolva."

Programação do CIC

Esta é a programação de cinema do Centro Integrado de Cultura. Eletricitários têm direito a meia entrada, mediante a apresentação da carteira do Sinergia, conforme convênio.

28 quinta-feira

19h - La hija del engaño (Ciclo Bañuel)

21h - A liberdade é azul

29 sexta-feira

19h - El angel exterminador (Ciclo Bañuel)

21h - A liberdade é azul

21h - Ensayo de un crime (Ciclo Bañuel, na sala multimídia, entrada franca)

30 Sábado

19h - A liberdade é azul

21h - Um coração no inverno

21h - Susana (Ciclo Bañuel, sala multimídia, entrada franca)

01 Domingo

17h - La ilusion viaja en Tranvia (Ciclo Bañuel)

19h - A liberdade é azul

21h - Um coração no inverno

21h - L'age D'Or (Ciclo Bañuel, sala multimídia, entrada franca)

02 Segunda-feira

19h - Viridiana (Ciclo Bañuel)

21h - Um coração no inverno

03 Terça-feira

19h - Simon del desierto (Ciclo Bañuel)

21h - Um coração no inverno

04 Quarta-feira

19h - A liberdade é azul

21h - Um coração no inverno

Resenha

A liberdade é azul

França, 1993. realização de Krzysztof Kielowski. Com Juliette Binoche, Benoît Régent, Florence Pernel, Charlotte Véry e Emmanuele Riva. Duração: 1h40min

Primeiro filme de uma trilogia dedicada à união européia (Bleu - o azul da liberdade; Blanc - o branco da fraternidade; Rouge - o vermelho da igualdade). Julie, casada com um compositor famoso, fica viúva logo após um acidente de carro onde o casal estava com a filhinha, que também morre. Ela, única sobrevivente, passa a encarar a vida de maneira diferente, mas, pouco a pouco, descobre que não pode fugir da música, aquela que ele empunha, um inacabado Concerto para a Unificação Européia... O melhor filme do diretor polonês, vencedor em Veneza 93 como melhor filme e melhor atriz.

Vicente Impaléa Neto
Jornalista/Ambientalista
(DPCP/Celesc)

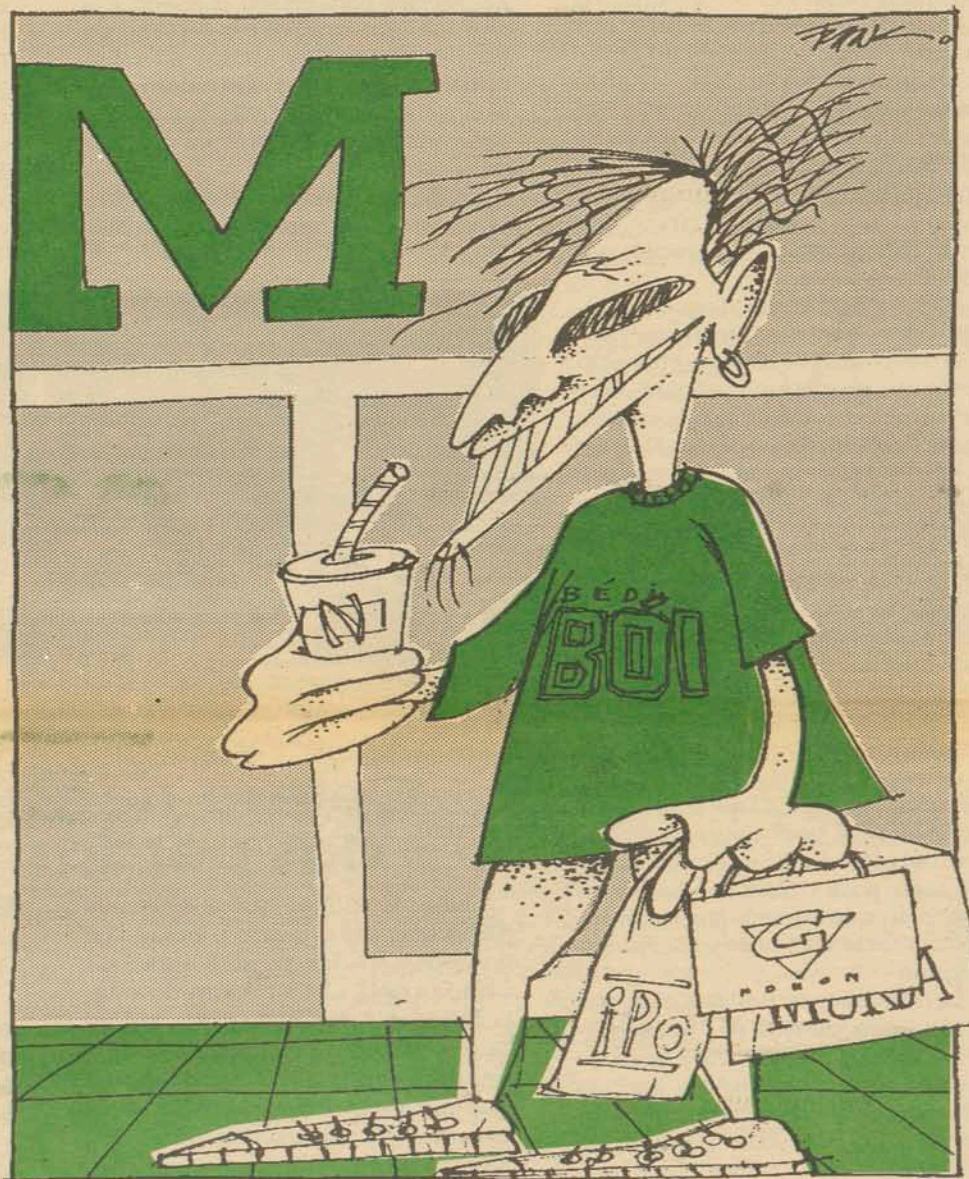
Nestes tempos pós-modernos de sorriso colgate, escândalo do bicho e adeus Mata Atlântica - enquanto o mundo muda do sistema analógico para sistema digital a mídia deita e rola - o culto ao transitório, ao fragmentário e ao descartável expande-se no mais pesado monumento contemporâneo da sociedade de consumo, o **shopping center**, que mistura em suas linhas o templo sagrado, a esfinge, o labirinto, a torre de babel, a pirâmide e um fulgurante e irrequieto mercado árabe.

Em seu faiscante interior predominam os mais novos equipamentos eletrônicos, o fabuloso universo da informática, o mítico território livre dos *teens* e o fantástico espaço onde qualquer um que ostente e tenha um cartão de crédito é eleito o **pop star**, rei do pedaço, e num ato instantâneo, escolhido para sortear o automóvel importado na caixinha de surpresas cercada de seguranças.

Quase todos os seus frequentadores são sonoros, perfumados, multicoloridos, remediados e ansiosos. Buscam o alto astral olhando a imagem, disfarçadamente, nas vitrinas e tomam o Prozac do dia.

Inconformistas porém conservadores. São prudentes, atenciosos, grandes consumidores de energia elétrica, água potável, *hot dog*, *dólares*, *CDBs*, muamba do Paraguai e símbolos do poder. Usam camisas com legendas em inglês, são incapazes de usar camisinha. Cumulativos e contraditórios. Estão deixando o cigarro, não usam alparcatas, falam mais de duas línguas (a mãe e outra), têm faniquitos com o

Mudando de conversa



papo *High-tech* do *Bóris Casoy* no *TJ. Brasil*.

No térreo, do outro lado da vidraça fumê à prova de balas, na calçada defronte, em todas as calçadas em volta, na boca da noite, desarmada de todas as artes e ofícios, lúcida, disponível, com os impulsos crispados, a geração cuja utopia é a igualdade, cujo senhor é Jesus Cristo, que sonha ter trabalho com carteira assinada, cuja diversão é matar o tempo namorando o *shopping* do lado do avesso. Imaginando o dia que vai entrar

ali pela porta da rente, passear, viajar nos degraus movediços da escada rolante. Beber, comer, como todo filho de Deus. Andar e ver tudo que não se enxerga lá de fora. Comprar uma lembrancinha pra mana, deixar ser visto e reconhecido, tesouro oculto.

A geração que não é udigrudi, cara-pálida ou coca-cola: é maioria. Sonhando. Querendo. E, ainda que tarde, não perde a esperança, chegará a um só tempo.

Indefesa. Encantada.